

CURRÍCULOS NÔMADES: AGENCIAMENTOS, IMAGINAÇÕES, HIPERTEXTOS NA PRODUÇÃO DA REVISTA AUDIOVISUAL “DIA A DIA DA ALEGRIA”¹

José Mário Aleluia Oliveira²

RESUMO: Este ensaio apresenta um recorte dos movimentos produzidos na tese de doutorado intitulada Currículos-Hipertextos-Pops, defendida na Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Esse recorte expõe o trabalho realizado em parceria com alunos e duas professoras de duas quartas séries, quinto anos do ensino fundamental da rede municipal de Paulínia-SP, produzindo e utilizando audiovisual, entre outros meios, na constituição de agenciamentos, imaginações, hipertextos, intuições, consistências, territórios, desterritorializações, acontecimentos; currículos nômades a serem reinventados como virtualizações de nossos pensamentos e percepções. Deslocamentos do tempo e do espaço em agenciamentos, revista audiovisual “Dia a dia da Alegria”.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo, hipertexto, imaginação, Educação.

ABSTRACT: This essay presents a brief vision from the PhD thesis “Curriculums-Hypertexts-Pops” presented at the Universidade Estadual de Cam-

¹ Este ensaio apresenta um recorte da tese de doutorado intitulada Currículos-Hipertextos-Pops, orientada pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues Amorim e defendida na Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, em 17 de novembro de 2006. Currículos nômades é um dos movimentos produzidos em imaginações curriculares na tese Currículos-Hipertextos-Pops, na qual se assume, na escrita, a banalidade, o ordinário e o comum aos quais remetem as culturas escolares, em seus ritmos espaço-temporais. A tese enfrenta ainda esta condição de práticas educativas que se movimentam em três escolas, com professoras e professor de distintas experiências, com projetos educativos em multiplicidades. É tese que se inverte no caos. E nele se efetua. O trabalho parte de conceitos de Gilles Deleuze, colocando-os em fluxos para o campo dos estudos de currículo, invadindo-os e com eles se atraindo.

² O autor é Doutor e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp e professor da Universidade Federal de Sergipe – UFS, Departamento de Educação - DED. E-mail: jmaleluia@hotmail.com

pinas (UNICAMP), Education School. This paper shows the work that has been done with teachers and students from the 4th grade, 5th year, on a Municipal School in the city of Paulínia, which created and used a audiovisual production, and others medios in order to provide relations, imaginations, hypertexts, intuitions, consistencies, territories, deterritorialization, happenings; nomad curriculums to be reinvented as thoughts and perceptions in the virtual field. Changes and exchanges from time and space that took place on the relationship with the audiovisual magazine “Dia a dia da Alegria”.

KEYWORDS: curriculum, hypertext, imagination, Education.

Volátil: Que pode voar; voador. Diz-se de dispositivo de memória cujo conteúdo se perde na ausência de tensão elétrica de alimentação. Ex. Memória RAM.

Territórios: Currículos.

Agenciamentos: imaginações-currículos-nômades.

Desterritorializações: Conjunções-expressivas-ilimitadas.

Acontecimentos: Sentidos nos/dos/em seres-coisas.

Consistência: Capacidade de tornar inseparáveis componentes heterogêneos e distintos.

Intuição: Compreensão indefinida de algo que será criado. Ex. conceito.

Busco, aqui, traçar algumas linhas, alguns sentidos, a partir dos trabalhos realizados em parceria com alunos e professoras em duas quartas séries, quinto anos do ensino fundamental da rede municipal de Paulínia-SP, produzindo e utilizando audiovisual, entre outros meios, na constituição de agenciamentos, imaginações, hipertextos, intuições, territórios, desterritorializações, acontecimentos; currículos nômades a serem reinventados como virtualizações de nossos pensamentos e percepções. Deslocamentos do tempo e do espaço em agenciamentos revista audiovisual “Dia a dia da Alegria”.

O desejo inicial consistia imaginar o currículo como hipertexto, entretanto havia o desejo de conhecermos mais a respeito da proposta e de entendermos quais suas possibilidades, limitações em práticas educacio-

nais. Iniciamos as produções e pesquisas nas escolas com algumas inquietações³.

- Eu fico muito preocupada com os conteúdos que são obrigatórios para trabalhar de primeira à quarta série. (Gi).
- Mas existe um currículo oficial em Paulínia? (Zezo).
- Bom, eu já trabalhei com o reforço há um tempo atrás. Acho que em 2001. Tinha um currículo que era o mínimo. Precisamos ver! (Gi).
- Não sei se tem um currículo obrigatório, mas tem algumas coisas que são fundamentais, que o aluno tem que terminar a 4ª série sabendo. (Fê).

Essas e outras inquietações iniciais podem ser pensadas como marcas, expressões do *currículo-território*. *Ritornelos*. Para a compreensão desses conceitos, foi importante entendermos a noção de território produzida pelos filósofos Deleuze, Guattari (1997) no capítulo “Acerca do Ritornelo” no livro “Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia”. Essa compreensão pode ser frutífera e instigante para empreender análises e produções na proposta estética de criar currículos nômades.

Os referidos filósofos apresentam o “em casa” como *território*. Segundo eles, o território não se constitui por suas funções ou mesmo pelos direcionamentos que seus meios imprimem. O território é um ato, uma marca, é produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos. Ele é constituído quando há expressividade, quando os componentes de meios passam a ser dimensionais e não mais direcionais, quando se tornam expressivos e não mais funcionais. “O expressivo é primeiro em relação ao possessivo, as qualidades expressivas ou matérias de expressão são forçosamente apropriativas, e constituem um ter mais profundo que um ser.” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 123).

Porém, Deleuze, Guattari (1997, p. 123) nos alerta que essas qualidades não são no sentido de pertencerem a um sujeito, mas no desenho de

³ Essas inquietações, esses diálogos assim como outros que aparecem ao longo do texto, ocorreram em tempos distintos, ou seja, em momentos diferentes durante o processo de pesquisa. Aqui, trago-as como agenciamentos, como invenções, com um círculo traçado em meio ao caos construção-da-tese. Em relação aos nomes, assim como na escritura da tese, serão utilizados codinomes correspondentes aos nomes das professoras e do professor, os quais foram sujeitos ativos durante o processo de pesquisa e concordaram com essa forma de apresentação. Eu, nesses diálogos, tenho o codinome Zezo.

um território, este sim pertencente a ele e “que as traz consigo ou que as produz. Essas qualidades são assinaturas, mas a assinatura, o nome próprio, não é a marca constituída de um sujeito, é a marca constituinte de um domínio, de uma morada.”

Em meio ao caos, traçar um círculo, organizar um espaço limitado, deixá-lo de fora, fixar nele um ponto frágil como centro. O território é esse círculo traçado no caos: uma assinatura, uma marca. É a marca que faz o território e não o seu contrário, assim como as funções não preexistem às expressividades que produzem o território. “A marcação de um território é dimensional, mas não é uma medida, é um ritmo.” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 122.). Horários, disciplinas, conteúdos, seqüências, seriação, adequação. É expressão, combinação de constância temporal e extensão espacial. Ritornelos: *Qual conteúdo? Qual série? É preciso definir o que é fundamental! Qual currículo?* As funções não são determinantes, pois são móveis, transformáveis.

Há um currículo para o ensino fundamental na rede municipal de Paulínia? Existem conhecimentos obrigatórios para a quarta série do ensino fundamental? Quais expressões currículo-território-quarta-série imprimimos? Essas perguntas formaram linhas iniciais da marcação currículo-território. Expressões constituintes do território currículo: seleção de conteúdos, seqüência de conhecimentos, disciplinas, conteúdo-forma, aprendizagem, seriação, subjetivação, espaço-tempo, ensino, entre outras. Linhas que traçam o círculo, um espaço limitado, e fixam nele um ponto frágil, ou seja, um centro que remete ao “em casa”. Sentimo-nos numa morada: *ritornelos-currículos*; Minha escola, minha sala de aula, meus conteúdos. Na escola-caos é determinado um centro momentâneo, “eis que as forças do caos são mantidas no exterior tanto quanto possível.” (Idem, p. 116). *Qual conteúdo? Qual série? É preciso definir o que é fundamental! Qual currículo?*

- E se não houver um currículo que seja obrigatório? Podemos tentar saber na Secretaria de Educação. O que vocês acham? (Zezo).
- Eu tenho o material da classe de aceleração. Nesse material há o mínimo esperado para um aluno terminar a 4ª série. (Gi).
- É, mas para mim tem coisas que são importantes e eu não abro mão. (Gi).

Pesquisamos, assim, no projeto pedagógico da escola, nas indicações

da secretaria de educação da prefeitura de Paulínia, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação – MEC, em textos do campo do currículo e percebermos nos instrumentos burocráticos de indicações oficiais municipais, estaduais e federais que hoje há flexibilidade em relação ao currículo escolar. A partir de então, começamos a nos desgarrar de representações fixas, estabilizadas e ficamos mais à vontade para inundar o currículo, margeá-lo, *superficiar* em movimentos mais sorrateiros; nos sentimos mais à vontade para imaginar.

Aqui, nos ensinam Gilles Deleuze e Félix Guattari, é preciso pensar o território em suas transformações, em suas mobilidades, pois as expressões que o constituem se manifestam tanto com as relações entre si quanto com circunstâncias externas. Formam agenciamentos internos, externos, intermediários, pois o território é lugar de passagem, de alternância; há potencialidade para criação de novos agenciamentos, inclusive de sua diluição. “O território é o primeiro agenciamento, a primeira coisa que se faz agenciamento, o agenciamento é antes territorial.” (Idem, p. 132).

Mas há agenciamentos que remetem linhas para fora do território ou mesmo internamente, desterritorializando-o, imprimindo outras qualidades expressivas, outros

motivos e contrapontos, outras funções. Por exemplo, a função agenciada conteúdos, territorializada, pode realizar um novo agenciamento ao alcançar relativa independência e entrar em vias de desterritorialização. Mesmo sem remeter a outro território ou mesmo sendo uma função constituída dele.

Conteúdos sejam mínimos, obrigatórios, necessários, podem se tornar constituintes de outro agenciamento, como elementos de passagem. Nesse caso, saber que não há currículo oficial, ou seja, um currículo imposto ou sugerido pela Secretaria de Educação de Paulínia possibilitou a produção de outro agenciamento: *conteúdo-flexibilidade-sala-aula-organização-professor-indeterminação*. Mesmo que constituinte do mesmo currículo-território. Mesmo que conteúdos expressem as mesmas qualidades. Porém, põe em movimento o currículo-território constituído. *Os alunos não agüentam mais!*

– É, não temos um currículo oficial em Paulínia. Não temos um programa, mas para mim existem coisas que eu acho fundamental trabalhar na 4ª série.

Coisas que um aluno de 4ª série tem que saber. Saber ler, escrever e interpretar. (Gi).

– Também saber as operações matemáticas básicas, somar, subtrair, dividir, multiplicar. (Fê).

– Temos que escrever essas coisas mínimas (Gi).

– E o que mais? Será que tem mais? (Zezo).

– Para mim se ele sabe ler, escrever e interpretar, ele vai ter facilidade em saber qualquer outro conteúdo. (Gi).

Nesse momento buscamos encontrar indícios de um currículo indicativo pelas Secretarias de Educação. Para Gi e Fê, por exemplo, era importante, pois queriam ter segurança que, se houvesse um currículo oficial, não deixaria de trabalhar seus conteúdos. *É confortável se sentir em casa. Não tire o teto! As paredes. Quero conforto. Cadê minha poltrona?* Não havia e não há uma seqüência de “conteúdos” apontados pelas secretarias. Essa discussão foi suscitada quando começávamos a estudar a respeito da proposta estética *currículos Nômades. Os alunos não agüentam mais!*

Desterritorializar os conteúdos territorializados como currículo para a 4ª série é um dos propósitos do conjunto *produção-edição-revista-audiovisual-dia-a-dia-da-alegria*. Nomadizar operando agenciamentos por imaginações. Entretanto, há também o fator reterritorialização. *Não temos um programa, mas para mim existem coisas que eu acho fundamental trabalhar na 4ª série*. Volatilizar palavras de ordem que produzam marca, assinatura, reterritorializa a função conteúdos, define essa função, estabilizando-a em um centro estável e calmo. Faz-nos sentir “em casa”, em uma morada, em uma pátria, não mais estrangeiro em nosso ou em outro território. *É confortável se sentir em casa. Não tire o teto! As paredes. Quero conforto. Cadê minha poltrona?*

Neste sentido, proponho pensarmos o currículo como território, entendendo-o como movimento incessante, como expressão, como criação, em suas mobilidades, em suas transformações⁴. Produto de investidas de expressão que ao mesmo tempo traça um círculo em torno de si, sempre

⁴ Em linhas de dispersão, os trabalhos de ROY, Kaustuv (2003) e LIMA, André Pietsch (2002) pensam currículo e territorialização. O autor americano pensa por entre os conceitos de rizoma e simulacro. Já André Lima a desconstrução do conceito de encontro e as sínteses disjuntivas.

incerto e instável, tem em sua circunscrição potências explosivas que podem remeter para fora, desfazendo o traço, traçando outras linhas, indo em direção ao caos, desterritorializando-o.

- Para mim também têm coisas que são importantes se vamos abrir o currículo para outras temáticas. (Fê).
- E o que seriam essas coisas importantes? (Zezo).
- O que é difícil é trabalhar de uma forma aberta, um currículo nessa proposta e depois os alunos têm que fazer uma prova para o SARESP⁵, com questões objetivas, respostas fechadas, uma única resposta. Como fica a cabeça deles? Depois eu ainda posso ser penalizada por eles não terem feito boa prova. (Gi).

A proposição currículos nômades, entre alguns propósitos, busca romper as fronteiras com o território curricular por disciplinas. As duas propostas, aparentemente antagônicas, não são excludentes e desenvolver estudos e trabalhos conjuntos significou para os três, momentos interessantes de discussão e desestabilização de ambas as propostas. Conhecer, desestabilizar, criar, desterritorializar, sensibilizar, culturalizar eram ações desejanter, linhas de fluxo sem constâncias, direções incessantes.

Foi suficiente para desestabilizar o que já estava previsto, como currículo, para ambas as turmas, a aposta em conectar os conhecimentos e trazer para a discussão curricular os temas veiculados nos diversos meios de comunicação, suas estéticas, expressões artísticas, assim como as produções culturais, locais e de outros espaços-tempos; as culturas diversas e desejos dos alunos em aprender, realizar conexões, produzir agenciamentos, matérias de expressão, ou seja, operar territorialização-desterritorialização, pois “o território se constitui quando se emergem matérias de expressão.” (BRANDÃO, 2002, p. 64).

Nas imaginações currículos nômades buscamos, entre outros desejos, aproveitar as inúmeras conexões que os alunos fazem quando nós professores estamos desenvolvendo alguma temática com eles. Agenciar expressões, potencializar agenciamentos de múltiplas disposições. Lançar mão de ritornelos territorializantes e aproveitar suas mobilidades de meios e ritmos para desterritorializar funções e forças. Nesses momentos todos que-

⁵ Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.

rem anunciar, expressar, imaginar conexões. Múltiplas experiências pulam, dançam, ressurgem com outros sentidos. Mãos se estendem, corpos se esticam desejantes em comunicar, em tornar públicas suas conexões.

Conferem-se ao espaço-sala, às cadeiras, à mesa, à lousa, outros sentidos. Outros móveis, pessoas, objetos, personagens, paisagens, cenas são convidados a entrar e povoar nossas ideias. Fomos nomadizando o espaço-sala, produzindo hipertextos imaginativos e tornando a sala de aula volátil. Entre diversos sentidos, imaginar o currículo e produzi-lo com os alunos, não é a justa relação entre ação e reflexão, embora refletíssemos em nossas discussões e estudos e agíssemos com os alunos em práticas.

O hipertexto aqui nos inspira e nos movimenta a pensar em suas qualidades, seja no texto impresso seja no hipertexto digital, na imaginação de currículos nômades. O hipertexto como potência em nos remeter para movimentos descontínuos de desterritorialização e reterritorialização em imaginações curriculares. O hipertexto pode ser imaginado como assinatura, como um círculo traçado no caos, como uma arquitetura que representa expressões e, portanto, produz território; reterritorializa. Entretanto, sua força está em sua possibilidade de não fixar, de estar potencialmente em vias de desterritorialização. O hipertexto como território que se permite fugidio, volátil, nômade, virtual, consistente.

O virtual, assim como a virtualização da informação, em sentido filosófico, não significa a sua “desrealização”. Influenciado pelos filósofos Deleuze (2005, 2003), Deleuze, Guattari (1997, 1997b, 1992), o filósofo Lévy (1999, 1996), afirma que a “desrealização” seria a transformação de uma realidade em um conjunto de possíveis. “O possível já está todo constituído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação nem em sua natureza.” (LÉVY, 1996, p. 15-16). Completando, para o possível ser real, só lhe falta a existência. “Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação, se virtualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam. (...) A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar.” (Idem, p. 21).

Assim, interessa-nos as implicações e inspirações filosóficas da virtualização e do hipertexto em imaginações curriculares. O hipertexto como imaginação do currículo consiste em imaginá-lo sem suporte que o fixe em seqüências de ações e temas, que construa outras imagens de currículo, pois “se uma imagem presente não faz pensar numa imagem ausente, se

uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação”. (BACHELARD, 2001, p. 1). Imaginação, como mobilidade, como movimento, como surpresa, como conexão, como mudança de imagens, como deformação de imagens. “Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante. Há percepção, lembrança, memória familiar, hábito das cores e das formas.” (BACHELARD, 2001, p. 1).

A imaginação está presente nos trabalhos com os alunos, assim como em seus estudos. Há na imaginação a busca por deformar as imagens territorializadas a respeito de escola, currículo, aluno, professor, etc., que nos capturam e nos estabilizam, nos fecham as possibilidades para criar e produzir outros territórios curriculares em vias potencialmente de desterritorialização. Há a vontade de imaginar, inventar, expressar, criar tanto em momentos anteriores às aulas quanto no momento em que as aulas acontecem em interação com os alunos e com os materiais utilizados, com as expressividades dos meios e ritmos.

Aproveitar, por exemplo, algumas características potencializadoras do hipertexto e trazê-las para imaginar currículos instáveis. Conectividade, volatilidade, virtualidade, mudadiço, imaginativo, nômade, multicultural, disciplinado, são inspirações hipertextuais trazidas para as nossas produções curriculares. Nesta direção, fomos convidando a desterritorializar currículos, operando por agenciamentos, com linhas que remetam para fora, produzindo expressões com produtos fílmicos e televisivos.

Os alunos, dos mais diversificados níveis de escolaridade e idades assistem aos produtos televisivos, em suas múltiplas narrativas e estéticas. Por que não trazê-las para a discussão, para os textos curriculares, como produtos culturais, industriais e de mercado que nos educam e a nossos alunos? Sinto a produção audiovisual como aglutinadora/dispersora de diversos conhecimentos e potencializadora de imaginações, conexões, criações, hipertextos. Potências em agenciamentos, expressões que podem territorializar-desterritorializar currículos, conferindo-os como “lugar de passagem”, pois podemos imaginar o currículo como um ser de expressões-sensações que margeia o infinito, que há potencialmente vetores de desterritorialização, agenciamentos, que pode mobilizá-los ou desfazê-los.

Além disso, como criação, marcação, o currículo, tem possibilidades de outras atualizações, da renovação de outras buscas, de outras subjetividades, nem sempre fixas.

Seus meios e ritmos podem expressar, fixar um ponto, traçar um círculo, territorializar, produzir uma marca, um estilo, produzir agenciamentos, conjuntos ilimitados de associações, assim como podem em outro momento estar constantemente passíveis de interferências, acasos, outros conjuntos, outros agenciamentos, rompendo suas fronteiras, sua calma temporária: desterritorializando.

A produção e leitura audiovisual potencializam agenciamentos, movimentos territorialização-desterritorialização. Produzir a revista audiovisual “Dia a Dia da Alegria” em parceria com as professoras Fê, Gi e os alunos de duas quartas séries, quinto anos do ensino fundamental representou para os envolvidos, momentos de estudos, criação e significação de imaginar e produzir currículos nômades. Os agenciamentos criados a partir da produção da revista audiovisual podem ser traduzidos como currículo hipertextual, como território móvel em processo contínuo de territorialização-desterritorialização. São matérias de expressões que traçam territórios, marcas, estilos; ao mesmo tempo, agencia – ou aglutina – movimentos que remetem para fora, para outros territórios, para outros espaços-tempos, para desterritorializações, afetando os meios e os ritmos. “Certo componente que entra num agenciamento pode ser o mais determinado, e até mecanizado; nem por isso dá menos ‘jogo’ àquilo que ele compõe, favorece a entrada de novas dimensões dos meios, (...) de aceleração que abre novos possíveis.” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 151).

Buscamos, em seu processo, deformar as nossas imagens primeiras de um currículo para a 4ª série, quinto ano do ensino fundamental. Produzir virtualizações, explorar outros possíveis. Não existir um currículo oficial, definido anteriormente pela Secretaria Municipal de Educação de Paulínia, não nos livrou da imagem fixa de um currículo disciplinar e mínimo. Iniciar com o exercício de imaginar um currículo hipertextual propiciou-nos e ao mesmo tempo obrigou-nos a exercitar a produção de imagens-currículo ausentes a partir da imagem-currículo presente em nós. O território traçado como currículo, seus meios e ritmos para produzi-lo ou fixá-lo, foi-nos imaginado em suas mobilidades, nas aberturas produzidas quando os expúnhamos a agenciamentos internos e externos, produzindo agenciamentos intermediários que impulsionam mobilidades, volatilidades no território inicial traçado.

Operando por *acontecimentos*, virtualizamos/atualizamos currículos-nômades na produção da revista audiovisual. Neste sentido dois conceitos

são importantes: os vetores desterritorialização e reterritorialização. Enquanto no devir-expressivo-produção-revista-currículo-alunos-professores são agenciados objetos, conhecimentos, pessoas, ideias, quadros da revista, etc., ou seja, traçam-se territórios; os fatores desterritorialização e reterritorialização são produzidos ou sentidos nas conexões com o meio exterior ou com o que o próprio território expressa, libera.

Iniciamos a produção da revista audiovisual, entendendo juntos com os alunos os muitos sentidos do meio audiovisual televisivo. Gravamos programas e propagandas televisivas, assistimos trechos de espetáculos e filmes. Cada produto era “lido”, juntamente com os alunos, em seus aspectos estéticos, narrativos e aproveitando as conexões-imaginações que os alunos produziam durante cada “leitura”. Virtualizações que desestabilizam o território *sala-de-aula* possibilitando movimentos inesperados, nos levando a outros espaços-tempos.

A revista audiovisual de variedades é um gênero de programa televisivo que apresenta uma diversidade de quadros e temáticas, por isso optamos por esse formato de produção audiovisual. Os alunos apresentaram muitas possibilidades produtivas e a revista constitui um gênero propício a aproveitar essas diferenças. Foram anunciadas: novela, reportagens, jornal, revista eletrônica⁶, programas de auditório, programas de humor e terror, filme, propaganda, mímica (linguagem não verbal), dança, etc.

As suas matérias expressivas – os quadros da revista, os textos produzidos ou lidos, os programas televisivos, os painéis, o figurino, por exemplo – possibilitam compor outros agenciamentos, muitas vezes diluindo ou rompendo o agenciamento inicial. Desterritorializando o ritornelo territorial, virtualizando currículos. Desterritorialização “é o movimento pelo qual ‘se’ abandona o território.” (DELEUZE, GUATTARI, 1997b, p. 224). Ao mesmo tempo que a expressividade de cada quadro, como produto, agencia o território quadro-dança, por exemplo.

Porém, segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari, essas funções são sempre relacionais. O território criado em um quadro tem potência para desterritorializar os outros, desde que sejam desenvolvidas condições ou mesmo que aconteçam ao acaso. “É preciso criar novas condições para que aquilo que estava escondido ou encoberto, inferido, concluído, passe

⁶ Os alunos quiseram realizar uma revista no formato do Fantástico, programa emitido pela Rede Globo de televisão.

agora para a superfície.” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 165). Essas condições podem emergir em relações entre os alunos e professores, em trocas entre os quadros, em passeios entre produções, em provocações mútuas, em aberturas às imaginações, em interferências externas, em liberdades de expressar. Não são passíveis de serem capturadas a priori, são inerentes aos quadros e ao mesmo tempo estão fora deles.

Desta forma, é importante ressaltar a necessidade de ouvir e aproveitar as ideias, conexões, análises e dúvidas dos alunos na produção de currículos nômades. Desde o início da produção da revista audiovisual os alunos não apenas opinaram a respeito dos temas e de seus desejos assim como suas dúvidas, interesses, falas, imaginações, eram levados em consideração e imprimiam novos e inusitados temas. Com as conexões dos alunos, tanto nas falas quanto em suas produções, exercitávamos a construção de currículos inesperados, não traçados a priori, em movimentos impulsionados por todos os envolvidos – inclusive os personagens televisivos, fílmicos, visuais, sonoros, audiovisuais, etc. Operando *virtualizações*. “A virtualização não é uma desrealização – a transformação de uma realidade num campo de possíveis –, mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade.” (LÉVY, 1999, p. 17-18).

A atualização é produzida como uma solução temporária que não fazia parte previamente do enunciado. A atualização é inventiva, criativa, “(...) invenção de uma forma a partir de uma configuração de forças e de finalidades (...) uma produção de qualidades novas, uma transformação de idéias, um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual.” (Idem, p. 16-17). Os conhecimentos, saberes, informações, sentimentos, subjetivações, currículos, movimentam-se, nas virtualizações e imaginações, em campos instáveis e não mais estáveis. Apesar do repouso ser parte constituinte, a virtualização gera movimentos de navegação entre campos de atualizações.

Apesar de haver um currículo pensado e planejado pelas professoras Gi e Fê para as 4^a séries A e B, território pré-traçado, expresso em sequências e conteúdos, ações, desejos, disciplinas, tempos, espaços. Ritorneles. Matemática, Língua portuguesa, Ciências, Geografia, História, Educação Artística, Educação Física. *Hoje é dia de matemática; Não, hoje é segunda, é dia de Língua Portuguesa*. Fomos transformando currículos em campos virtuais, desestabilizando-os, produzindo agenciamentos internos, externos, intermediários.

Quando planejados os currículos estavam no campo da solução. Pla-

nificados em tópicos, ações, materiais, faltavam-lhe a existência, a realização de possíveis. *Hoje é dia de matemática; Não hoje é segunda, é dia de Língua Portuguesa*. A beleza, na produção de currículos nômades, está no movimento de produzir imagens aberrantes de um currículo já resolvido. É na sua virtualização que produzimos um campo problemático, que nos fez desejar a sua atualização.

Porém, sua atualização não consiste em estabelecer os temas ou sequência de conteúdos a serem trabalhados e, sim, no trabalho de lançarnos na tranqüila superfície dos sentidos estabelecidos para o currículo – ritornelo territorial –, e desmontar consensos impregnados no cotidiano, buscando a criação de novos sentidos para o encontro com os alunos. Ou seja, produzir movimentos de territorialização-desterritorialização. Assim como, criar com eles, no diálogo, na leitura de produtos audiovisuais, nas produções, outros sentidos e cliques abrindo janelas com temas e assuntos presentes em nossa e outras culturas, nas diferenças que nos compõem. *Hoje é dia de matemática; Não hoje é segunda, é dia de Língua Portuguesa*.

Neste sentido, entre-espacos foram produzidos na pesquisa. A pergunta: como fazer na prática? Apesar de acontecer momentos nos quais nossa ação imaginante esvairia-se, e, assim, surgiram desejos de fixar a imagem e o hipertexto criado com a pergunta como fazer na prática. Essa mesma pergunta apesar de recorrente, nos remetia, também, a linhas de fuga que nos propiciava perceber a necessidade de ouvir os alunos, de ao imaginarmos o currículo como hipertexto, de produzi-lo, de virtualizá-lo, de transformá-lo em campos instáveis, de fazer presentes as ligações, com os alunos em suas falas e produções. É neste encontro que podemos abrir a possibilidade de remeter-nos a novas e inesperadas ligações, conectando temas e leituras insuspeitáveis a priori. Nesse sentido, outra abertura se efetuou: as contribuições das discussões do cinema como potência do imaginário.

Compreendo que muitas das discussões no campo da imagem, e aqui incluo a televisão, o cinema, o vídeo, a pintura, a fotografia, as imagens digitais e digitalizadas, são potencializadoras na percepção do audiovisual como convocador de imaginações, de potências criadoras. Podem funcionar como máquinas que se inserem em agenciamentos, produzindo vetores de desterritorialização que traçam variações, remetem à imaginação, à virtualização de currículos, nomadizando-os. Assim como podem nas quali-

dades expressivas, por exemplo, territorializar ou mesmo reterritorializar ritmos e meios, propondo uma parada, um estancamento temporário, um outro ritornelo. *Perdi o chão? Onde vamos parar? Quais são as perguntas? Quem responde? As respostas são muitas!*

Produzindo “colagens” com “recortes” de trechos de novelas, programas televisivos dos mais diversificados, filmes, documentários, espetáculos circenses e de música, montamos vários momentos de potência criadora de sentidos para muitos temas e situações. É inspiradora a conexão das temáticas e estéticas presentes nos meios de comunicação de massa com as questões curriculares, potencializando a invenção de currículos nômades. *Perdi o chão? Onde vamos parar? Quais são as perguntas? Quem responde? As respostas são muitas!*

Aposto nas artes, nas expressões midiáticas e nas culturas ordinárias como possibilidades de desestabilizar o território e traçar linhas descontínuas de desterritorialização. Hipertextualizar currículos. Múltiplos sentidos e expressões que podem explodir nas criações e nos pensamentos dos alunos envolvidos em produzir currículos nômades, sem o desejo de capturá-los. O hipertexto como pensamentos ramificados. Ramificações de ideias, apostando no aluno-leitor, aluno-ouvinte, aluno-expressão, como produtores de sentidos. Sentidos ramificados em filmes, imagens, textos, sons, músicas, pinturas, desenhos. Agenciamentos com produções midiáticas, artes, culturas ordinárias; nômades. *Perdi o chão? Onde vamos parar? Quais são as perguntas? Quem responde? As respostas são muitas!*

Iniciamos com os alunos no processo produtivo de um produto audiovisual: planejamento, roteiro, cenário, falas dos personagens e apresentadores, figurino, edição, vinhetas, propagandas, entre outros. Tudo isso diluído durante um semestre letivo, onde em cada quadro os alunos e nós aprendíamos a respeito da linguagem audiovisual e das características da televisão brasileira, conectados com as temáticas de cada quadro e dos novos interesses dos alunos em aprender, produzindo currículo.

Buscamos que nossas imaginações-currículos fossem não-disciplinares. Que estranhem verdades totalizadoras, debatam questões de raça e gênero, identidade e diferença, cultura popular, mídia e produtos culturais, moda, conceitos produzidos pelos estudos feministas, homossexuais, culturais, que se aproximem de um pós-currículo como proposto por Corazza (2002), produzindo práticas e políticas curriculares que incorporem a filosofia das diferenças. “Faz isso, historicizando, politizando e culturalizando

todos os currículos já construídos pela maioria das populações e inventando novos e ousados arranjos curriculares.” (CORAZZA, 2002, p. 107). *Perdi o chão? Onde vamos parar? Quais são as perguntas? Quem responde? As respostas são muitas!*

Integrar, conectar, culturalizar, ligar, produzir, politizar, abrir janelas, imaginar, reconhecer a diferença, são ações que fazem parte constante das imaginações e produções de currículos nômades. Apostamos que essa imaginação nos ajude na compreensão das rupturas e mudanças contemporâneas e suas implicações no currículo escolar e no cotidiano escolar.

Estudando a respeito das produções audiovisuais perceberemos que a televisão aberta é o principal meio de produção e difusão de informação e entretenimento no Brasil⁷. Em alguns países que dispõem, para a maioria da população, meios alternativos de informação e lazer a televisão divide a primazia com jornais impressos, revistas, rádio, cinema e, recentemente a Internet. Entretanto, no Brasil a televisão aberta possui um destaque que vai além de um simples meio do sistema de comunicação nacional. Para a grande maioria da população brasileira se configura como o único meio de acesso à notícia e ao entretenimento.

Além disso, aposto nesses produtos em suas potencialidades imaginativas, culturais e criativas, pois “o cinema entrega o espectador à potência da imagem. Trança sua atenção num domínio imaginário, produzindo nela uma mistura dosada de passividade, fascinação, sideração e curiosidade.” (SAMPAIO, 2000, p. 55). As dinâmicas das culturas midiáticas impulsionadas pelos meios de comunicação de massa tendem a colocar em movimento as culturas mais diversas, acelerando o tráfego entre as múltiplas formas, tempos, espaços, gêneros e expressões.

“O filme, mesmo o mais realista, convoca a imaginação, induz à busca criativa de sentido. A imagem, em suas contorções e distorções, a partir de montagens, associando-se a efeitos sonoros e a trilhas musicais, torna-se ‘imaginário’.” (SAMPAIO, 2000, p. 55). A revista audiovisual “Dia a Dia da Alegria” foi produzida com os seguintes quadros: Teatro, Pânico, Dança, Ginástica, Culinária, Notícias, Quem é normal?, Propagandas, A Língua Portuguesa, Piadas e Apresentadores da revista. Esses quadros surgiram nas discussões com os alunos e nas conexões que eles estabeleciam du-

⁷ Ver mais em Almeida (2003); Resenda (2000); Simões (2004).

rante o trabalho. Utilizamos diversos materiais para a produção da revista, tanto sugeridos e disponibilizados por nós, quanto pelos alunos. *Perdi o chão? Onde vamos parar? Quais são as perguntas? Quem responde? As respostas são muitas!*

Na produção desses quadros desestruturamos, muitas vezes, os tempos e espaços escolares. Os alunos das duas turmas se misturavam nas produções, espalhados pelo corredor, pelo refeitório, na biblioteca, no pátio, em quase todos os espaços disponíveis. Em grupos intercambiavam produções, materiais, ideias na produção dos cenários de três metros de comprimento por um de largura. Os textos produzidos eram socializados e transformados em alguns momentos coletivos na sala ou no refeitório, usado como estúdio-palco. Já não era mais possível coordenar o tempo com o espaço. Horário para o lanche, para a educação física ou para o trabalho separado por disciplinas, nesses momentos, eram (des)organizados pelas necessidades nas produções, nas criações dos textos, das pinturas dos painéis-cenários, na sonoplastia, nas músicas, nos ensaios dos quadros, nas discussões coletivas, etc.

Compuseram as cenas da revista tudo que tínhamos disponível e os alunos iam realizando performances durante o processo. Utilizaram revistas, livros, jornais, outros trechos de filmes e de programas televisivos que foram assistidos, imaginados, discutidos e produzidos textos, músicas, colagens, desenhos, pinturas, danças, teatros, compondo o território-currículo da quarta série com aquele grupo. Demonstramos, por exemplo, que muitos livros se tornam filmes ou mesmo livros se tornaram programas televisivos como o Sítio do Pica-Pau Amarelo de Monteiro Lobato e veiculado pela Rede Globo de Televisão.

A leitura de alguns livros combinado com alguns trechos de filmes e programas televisivos e fílmicos inspirados na literatura foi potencializador de incentivo à leitura e à escrita. Usamos, também, cenas de alguns programas televisivos e de propagandas para perceberem na linguagem audiovisual os encadeamentos de sons, imagens e textos, enquadramentos, planos e cortes e a narrativa televisiva.

Mesmo apresentando em seus produtos predominantemente a versão cultural das elites sociais e econômicas, os meios de comunicação de massa carregam em sua marca a quase anulação entre fronteiras e polaridades culturais. Fico realmente fascinado pelas múltiplas formas e expressões midiáticas e suas potencialidades em práticas educacionais,

institucionais ou não. Fico, também, perplexo quando os produtos culturais e industriais veiculados nos diversos meios de comunicação não compõem as produções curriculares em práticas educacionais, pois concordo com Costa (2002, p.144) ao afirmar que há “currículos culturais em andamento dentro e fora das instituições educacionais, estruturados de acordo com as forças que regem a dinâmica comercial, política e cultural predominante no mundo contemporâneo.”

Visualizo esses espaços e produtos como possibilidades de articular culturas e currículos, aproveitar as qualidades técnicas e conteúdos nos produtos produzidos e emitidos pelos meios de comunicação sejam cinematográficos, televisivos, radiofônicos, impressos ou a combinação destes em vertentes multimídia. Trazê-los para discussão, produções e imaginação curricular como produtos culturais e industriais a serem lidos e não apenas como ilustrações.

Durante todo o processo de produção, tanto a disposição dos alunos e quanto dos professores e professoras ocupando quase todos os espaços possíveis da escola, quanto seus corpos menos disciplinados ou indisciplinados dispostos pelos chãos das salas de aulas, do corredor, do refeitório, do pátio, em baixo e em cima das carteiras, são atualizações/virtualizações, campos de conexões que a produção da revista gera, seus efeitos de ruptura com um currículo pré-determinado e na produção de currículos que busquem tornar visível a potência criadora de seus produtores, nos diversos momentos e formas de criação. *Perdi o chão? Onde vamos parar? Quais são as perguntas? Quem responde? As respostas são muitas!*

Referências

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Telenovela, consumo e Gênero*: “muitas mais coisas”. Bauru, SP: EDUSC, 2003. (Coleção Ciências Sociais).

BACHELARD, Gastor. *O Ar e os sonhos*: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins fontes, 2001.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. *A casa subjetiva*: matérias, afectos e espaços domésticos. São Paulo: Perspectiva; Cuiabá: Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. Diferença pura de um pós-curriculo. In: LOPES, Alice Casimiro. MACEDO, Elizabeth. (Orgs.). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos estudos culturais ao campo do currículo. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. (Orgs.). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, Vol. IV, 1997. (Coleção TRANS).

_____. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Editora 34, Vol. V, 1997b. (Coleção TRANS).

_____. *O que é filosofia?* Tradução: Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. Tradução: Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Cinema 2).

_____. *Lógica do sentido*. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA, André Pietsch. *Escritos sobre encontros, integração e formação de professores*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Unicamp, 2002.

RESENDA, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editoria*. São Paulo: Summus, 2000.

ROY, Kaustuv. *Teaches in nomadic spaces. Deleuze and Curriculum*. New York: Peter Lang, 2003. (A Book Series of Curriculum Studies. V. 5). 125p.

SAMPAIO, Camila Pedral. O cinema e a potência do imaginário. In: BARTUCCI,

Giovana (Org.). *Psicanálise, Cinema e Estética de Subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

SIMÕES, Inimá. *A nossa TV brasileira: por um controle social da televisão*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.